



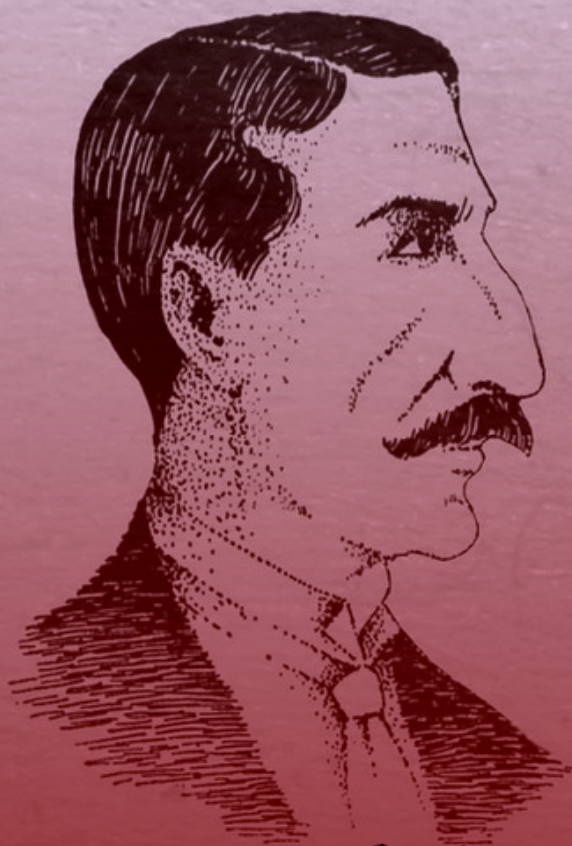
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



França Júnior
Ingleses na Costa



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Ingleses na Costa

França Júnior

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1889.

Livro Digital nº 870 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim José de França Júnior

(1838 - 1890)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

INGLESES NA COSTA

COMÉDIA EM UM ATO



PERSONAGENS:

LUÍS DE CASTRO (tio de Félix)

FÉLIX (estudante do 5º ano pela Faculdade de Direito de São Paulo)

SILVEIRA (estudante do 2º ano)

FELICIANO (estudante)

LULU

RITINHA

TEIXEIRA

A cena passa-se em São Paulo. Época: Atualidade.

ATO ÚNICO

O teatro representa um quarto com uma porta ao fundo e portas laterais. À direita e à esquerda camas; no fundo uma estante com livros em desordem, um cabide com roupa; sapatos velhos espalhados, duas canastras ao lado do cabide, uma mesa com papéis e livros, etc.

CENA I

Félix e Silveira.

(Ao subir do pano Silveira e Félix dormem nas camas embrulhados em cobertores encarnados. Batem três vezes na porta do fundo)

FÉLIX (*acordando sobressaltado*)

Hem?

SILVEIRA (*pondo a cabeça fora do cobertor*)

Bata com a cabeça.

FÉLIX

Insensato, o que fazes? É um credor!

SILVEIRA

Um credor! Pois já amanheceu?! (*Batem outra vez. Baixo*) Bate, grandíssimo patife.

FÉLIX

Ora isto é incrível! Vir um cadáver assombrar um homem ao romper da aurora!

CENA II

Os mesmos e Feliciano.

FELICIANO (*de dentro*)

Abram a porta.

SILVEIRA (*escondendo-se no cobertor*)

Salve-se quem puder! (*Feliciano empurra a porta e entra; Félix, levantando-se, esconde-se atrás da cama*)

FELICIANO

Pois ainda dormem! (*Puxando o cobertor de Silveira*) Que escândalo! (*Olhando para a direita vê a cabeça de Félix fora da cama*) Com os diabos o que fazes debaixo da cama?

FÉLIX

Há certas graças que não têm graça.

FELICIANO

Pelo quê? (*Rindo-se*) Ah! Já sei: tomaram-me sem dúvida por algum credor, por um *inglês*?

SILVEIRA

Por um *inglês*?

FELICIANO

Já vejo que ainda não leram Balzac. Pois saibam que o espirituoso autor da *Comédia humana* apelida de *ingleses* a essa raça desapiedada que nos persegue por toda a parte. Depois da questão anglo-brasileira, creio que não pode haver um epíteto mais apropriado para designar um credor. Os ingleses são inimigos terríveis e um credor, a meu ver, é o mais furibundo dos nossos inimigos. (*Rindo-se*) Tomaram-me por um *inglês*!

SILVEIRA

Quando se tem o espírito sobressaltado...

FELICIANO

Sei o que é isso. Eu também venho tocado de casa. Acredita-me, Silveira: eu sou um homem infeliz. Às vezes tenho ímpetos de perguntar ao cano de uma pistola os segredos da eternidade. Esses *ingleses* hão de ser a causa da minha morte!

SILVEIRA

E da morte do Brasil inteiro! As coisas não vão bem.

FELICIANO

Mas tu não te levantas? São onze horas e um quarto.

FÉLIX

Onze e um quarto? Ainda é muito cedo. (*Volta-se para o outro lado*)

FELICIANO

Decididamente não pretendem sair hoje de casa?

SILVEIRA

Não sabes, insensato, que hoje é o dia 15 do mês? O dia 1º e o dia 15 de cada mês são dias fatais para um pobre estudante! As ruas estão calçadas de credores!

FÉLIX

Chi!... Andam por aí assanhados!

FELICIANO

A quem o dizes. Na rua de São Gonçalo fui abordado por quatro. Um deles era coxo; mas a fatalidade, que protege os verdugos, deparou-me um maçante no momento em que eu dobrava um beco para esconder-me no corredor de uma casa. Imaginem vocês a minha situação: entre um maçante e um *inglês*. A vitória do segundo foi inevitável! O homem mediu-me de alto a baixo com a gravidade de um súdito da Rainha Vitória e entregou-me a conta. Creio que tive uma vertigem. Quando tornei a mim, já não tinha uns inocentes dez mil réis, que me restavam da mesada.

SILVEIRA

E julgas-te infeliz por teres encontrado um credor coxo? Pois olha, caro Feliciano, eu tenho tido credores com todos os defeitos: coxos, corcundas, surdos, mudos, anões... nunca viste o recrutamento na aldeia? E para coroar a obra, tenho ultimamente um caolho cujo nome há de ser gravado em letras de ouro nos anais da história. E um diabo em figura de homem com o dom da ubiquidade: encontro-o em todos os lugares. Se nos bailes, de braço com alguma encantadora menina, eu me transporto ao céu numa nuvem de poesia, a figura sinistra de um sujeito que discute com outro sobre a carestia dos gêneros alimentícios embarga-me a voz na garganta e eu fujo aterrado da sala; é o Teixeira. (*Chama-se Teixeira*) Nos teatros, quando toda a plateia manifesta a sua expansão por uma chuva de palmas e bravos, eu, semelhante a um herói de melodrama, procuro com a velocidade de um raio a porta da rua, é ainda o Teixeira. Nos cafés, nos botequins, nas igrejas... Enfim, por toda a parte o Teixeira, sempre o Teixeira!... Se algum dia tiveres um credor caolho (*ouve este conselho que é de uma pessoa experimentada*) quando o avistares tomalhe sempre o lado do olho arruinado; nunca lhe tomes a frente, porque o credor que só tem um olho, vê mais com ele do que veria com os dois.

FÉLIX (*sonhando*)

Sim, meu anjo... Hei de adorar-te...

SILVEIRA

E pode sonhar este desalmado na manhã do dia 15! (*Puxando o cobertor e gritando-lhe no ouvido*) Acorda, bruto!

FÉLIX (*sobressaltado*)

Hem?! Quem me chamou? Bárbaros! Acordarem-me no meio de um sonho vaporoso. (*Canta*)

Sonhei que leda vieste

Junto a meu leito cantar,

Um canto que me dizia:

Bardo, não sabes amar.

Julguei-me por momentos um outro D. Juan ao lado da divina Haideia sob a safira do belo céu da Grécia. Seus olhos negros e úmidos procuravam as regiões sublimes donde tinham desertado; seus cabelos brincavam em ondas sobre o colo cetinoso... Oh! Mas agora me lembro: o que sonhei antes foi horrível! Sonhei que meu tio, o desalmado Luís de Castro, tivera a infeliz ideia de vir visitar-me a São Paulo, e que praguejava a meu lado como um possesso: Isto é comportamento?! O senhor é um dissipador! É um caloteiro! É um ladrão! (*Creio que ouvi a palavra "ladrão"*) Os meus pressentimentos nunca falham, Silveira.

SILVEIRA

Tudo isso é muito bonito, meu caro; mas até o presente não há ainda dinheiro para o almoço.

FÉLIX

Dinheiro, metal vil! O que é o dinheiro?

SILVEIRA

É aquilo com que se compra o almoço.

FÉLIX

E onde está a sublime instituição do crédito? Não crês no crédito? Não crês na Providência? (*Canta*)

Credo in Dio

Signor dell'Universo

... Não conheces este pedaço? É dos *Mártires*.

FELICIANO

Pelo que vejo não temos almoço?

SILVEIRA

Desconfio que sim. Vou deitar-me; dizem que o sono sustenta.

FELICIANO

Não haverá ao menos cobres em casa?

FÉLIX

Há a sublime instituição do crédito.

SILVEIRA

Desgraçado, tu ainda ousas falar em crédito, quando estamos desmoralizados e ninguém já nos fia um vintém!

FÉLIX

Não desesperem, colegas: o acaso é nosso Deus. Vou proceder a uma busca. (*Vai ao cabide e tira um colete*)

FELICIANO (*apalpando as algibeiras*)

Nem um cigarro!

FÉLIX (*tirando do bolso do colete um papel*)

Um papel!

FELICIANO

E uma nota de dez tostões.

FÉLIX (*lendo*)

Lágrimas de Sangue — Poesias inéditas por uma vítima oferecida em holocausto à experiência.

SILVEIRA

Ainda poesias.

FÉLIX

Enganam-se: é uma conta de alfaiate! (*Vendo a outra algibeira*) Agora não me engano: creio que é uma nota de dois mil réis. (*Os dois aproximam-se*) E uma carta de namoro! (*Lendo*) — Meu querido...

SILVEIRA

Dispensamos a leitura.

FÉLIX (*batendo na testa*)

Ah! *Eureka, Eureka!* (*Corre ao fundo e encontra-se com Teixeira que entra*)

CENA III

Os mesmos e Teixeira.

TEIXEIRA

O senhor Doutor Silveira.

SILVEIRA (*baixo a Feliciano*)

Estou perdido! O Teixeira caolho, e estou do lado esquerdo! Que fatalidade!

FELICIANO (*baixo a Silveira*)

Passa para o lado direito.

SILVEIRA (*indo para a direita encontra-se de frente com Teixeira que avança para a cena*)

Oh! senhor Teixeira, como tem passado? Tenha a bondade de sentar-se... sem cerimônia. Félix? traz esta canastra para o senhor Teixeira. (*Félix arrasta a canastra: Teixeira fica em pé*) Esteja a gosto. (*Teixeira senta-se*)

TEIXEIRA (*com ar severo*)

A minha demora é pequena.

SILVEIRA

Líamos, quando o senhor entrou, um dos mais belos pedaços de poesia clássica. Gosta de versos alexandrinos, senhor Teixeira?

TEIXEIRA (*à parte*)

Parece que estão caço ando comigo.

FELICIANO

O senhor pode ter a bondade de me dar um charuto?

TEIXEIRA

Não fumo, senhor.

SILVEIRA

Os clássicos falam mais à cabeça do que ao coração.

TEIXEIRA

Eu não quero saber de corações, senhor doutor, eu vim aqui tratar dos meus interesses.

FELICIANO

O senhor Teixeira é acardíaco?

TEIXEIRA

Tudo, menos insultos: podemos brincar sem nos sujarmos. Vamos ao que me interessa. (*Tirando um papel do bolso*) Aqui tem a sua...

FÉLIX

Creio que o senhor Teixeira é mais apaixonado de música. Prefere a música italiana à música alemã? Ouve talvez uma melodia de Bellini, ou do inspirado Donizetti de preferência a uma fuga de Bach, a uma sinfonia de Beethoven, ou a um oratório de Haydn. A música italiana é a voz do coração; a música alemã, vaporosa como as Walkírias do norte, eleva-se em harmonias até o céu. É a metafísica da música, a música transcendental, como se exprime Blase de Bury: é essa música que tornava o divino Mozart

inacessível na vasta esfera em que ele girava. Conheceu Mozart, senhor Teixeira?

TEIXEIRA

Eu já disse que não gosto de gracejos.

SILVEIRA

O senhor Teixeira prefere a música italiana.

FÉLIX

Então ouça este pedaço. (*Canta*)

Parigi o ó cara lascieremo

La vita uniti percorreremo...

É a mais sublime situação da ópera de Verdi!

SILVEIRA

Oh! a situação é admirável! Violeta está crivada de dívidas; Alfredo, para salvá-la das garras dos credores, suplica-lhe que abandone Paris. O credor, senhor Teixeira, é o diabo. O senhor não pode fazer uma ideia do que é o credor.

TEIXEIRA

Basta, senhor: não admito mais gaiatadas. Ou o senhor paga o que deve, ou então vou à polícia.

SILVEIRA

Mais devagar, meu caro: não se esquite.

TEIXEIRA

Eu vejo no seu procedimento para comigo uma verdadeira velhacaria.

SILVEIRA

O senhor não pode ver nada direito, porque tem só um olho.

TEIXEIRA

Não! Isto já não é gaiatada! Isto é desaforo! Vou processá-lo por crime de injúria.

FELICIANO

Faz mal, senhor Teixeira: deve processá-lo por calúnia.

TEIXEIRA

Hei de arrastá-lo perante os tribunais. Antes ter um só olho do que, do que... Já me sobe a espuma à boca. Hei de lhe mostrar para quanto serve o Teixeira caolho.

(Riem-se todos)

SILVEIRA

Venha cá, senhor Teixeira.

(Teixeira sai)

CENA IV

Feliciano, Silveira, Félix e depois Teixeira.

SILVEIRA

Eis como deviam terminar as minhas relações com o senhor Teixeira caolho: por um processo de injúria verbal.

FÉLIX *(cantando)*

Ah! dell' indegno rendere...

SILVEIRA

E tu cantas.

FÉLIX

Queres que chore?

FELICIANO

Afianço-lhes que o homem saiu como uma bomba!

TEIXEIRA (*aparecendo no fundo*)
Então paga ou não paga?

SILVEIRA
Ora ponha um olho de vidro, sô caolho.

TEIXEIRA
Antes ser caolho do que... do que... Vou estourar na polícia.

CENA V

Os mesmos menos Teixeira.

FELICIANO (*batendo no ombro de Silveira*)
Meu caro, não é processo de injúria que me aterra: o que me aterra é a fome. (*Vendo as horas*) Quase meio-dia, e não há esperança de almoço!

SILVEIRA
Na nossa vida há momentos terríveis, colega. Mas a generosidade e a franqueza, esses dois sentimentos que são quase sempre a partilha dos vinte e dois anos, pulsam nesses trances em nossos corações. No grande mundo há homens que calçam luvas de pelica para ocultar as mãos manchadas no sangue do seu semelhante, há mulheres que nos embebem o punhal no peito com o sorriso nos lábios; há amigos que nos abandonam na hora do perigo; mas aqui, na vida do coração e das ilusões, sob o teto enegrecido de uma mansarda, é que se encontram os grandes sentimentos. Toma um cigarro. (*Tira um cigarro e uma caixa de fósforos debaixo do travesseiro e dá-o a Feliciano*)

FELICIANO
Obrigado, colega.

FÉLIX
Isto tudo quer dizer que não há almoço.

SILVEIRA

Mas tu gritaste — *Eureka* — quando entrou o Teixeira.

FÉLIX

Gritei; mas não tive a felicidade do filósofo de Siracusa. Fui a um colete velho...

FELICIANO

E o que achaste?

FÉLIX

Um bilhete de gôndola.

SILVEIRA

Com os diabos! Isso não corre em São Paulo.

FÉLIX

O que querem? Devemos dizer como o cantor da *Boêmia* — "frágeis caniços, a fatalidade dá-nos as honras de uma tempestade." — (*Batendo na testa*) Oh! que ideia! (*Dança e cantarola*)

FELICIANO e SILVEIRA

O quê?

FÉLIX

Está salva a pátria! Hoje não é o dia 15? Fui convidado para um grande almoço em casa do Barão de Inhangabaú.

SILVEIRA

E nós?

FÉLIX

*Ah! l'amor, l'amor ond' ardo,
Le favelli in mio favor.*

FELICIANO

Esta tua alegria é um insulto.

SILVEIRA

Esse almoço repugna com os teus princípios políticos. O Barão é vermelho, e tu és amarelo. Não deves ir comer um pão molhado nas lágrimas do povo. Não deves ir.

FÉLIX

Silveira, quando fala a barriga, cessam os princípios. E demais, quantos não entram amarelos num jantar, e saem vermelhos? Vou quanto antes: não me esquecerei de vocês: a casa do Barão é perto e em menos de meia hora eu estarei aqui com o que puder trazer.

SILVEIRA

E com que roupa pretendes lá te apresentar? Queres fazer uma figura ridícula?

FELICIANO

Queres salpicar de lama a ilustre corporação a que pertences?

FÉLIX

E por causa de roupa hei de deixar de ir a um almoço esplêndido? Não: o homem não deve acobardar-se em face desses *petits riens* da vida. *(Para Silveira)* Hás de me emprestar a tua casaca preta. Quanto ao mais que me falta, vou proceder a uma busca. Esta camisa está muito indecente... com um colarinho postiço, e a casaca abotoada...

SILVEIRA

Colarinho é o menos. E os sapatos?

FELICIANO *(apanhando um sapato)*

Aqui está um sapato.

FÉLIX

Cá está outro. *(Senta-se na cama e calça um)* Vai as mil maravilhas! *(Calçando outro)* — *Ananke!* — São ambos do mesmo pé! Mas não se conhece.

FELICIANO (*procurando*)

Uma luva preta.

SILVEIRA

Olha: cá está outra.

FÉLIX

Dá-ma. (*Reparando*) É branca.

SILVEIRA

Isso é o menos, pinta-se.

FÉLIX

Não tenho tempo a perder: já tenho o essencial: dispenso os objetos de luxo. Vou-me vestir. (*Vai saindo pela direita*)

FELICIANO

Uma gravata a solferino.

FÉLIX (*voltando*)

Dá-ma. (*Sai*)

CENA VI

Feliciano e Silveira.

FELICIANO

Pela primeira vez em minha vida sinto a inveja.

SILVEIRA (*bocejando*)

Ai, ai, vou dormir.

FELICIANO

Ser convidado para um almoço esplêndido, enquanto que nós...

SILVEIRA

Enquanto que nós...

FELICIANO

Silveira: esta vida é cheia de espinhos. No lar doméstico aquecido ao seio da família eu nunca sentia fome.

SILVEIRA

Caímos no sentimentalismo.

CENA VII

Feliciano, Silveira e depois Félix.

FÉLIX (*de dentro cantando*)

Ah! che la morte ognora

E tarda n'el venir...

SILVEIRA

Canta, patife!

FELICIANO

Ao menos resta-nos um consolo: não morreremos de indigestão.

FÉLIX (*entrando*)

Pronto. A casaca vai-me bem?

FELICIANO

Como uma luva!

SILVEIRA

Mas este colete está indecente: parece um fogo chinês! Isto faz mal até à vista. Não deves ir ao almoço. Tu podes indispor o Barão de Inhangabaú com este colete.

FÉLIX

Abotoo a casaca. Até logo, rapaziada. (*Sai cantando*)

Madre infelice

Corro a salvar-te.

CENA VIII

Feliciano e Silveira.

FELICIANO

Já tenho suores frios, e a cabeça anda-me à roda.

SILVEIRA

Feliciano, creio que vou ter uma vertigem. (*Ouvem-se fora gargalhadas de mulheres*) Hein?!

FELICIANO

O quê?

CENA IX

Os mesmos, Lulu e Ritinha.

LULU

Vivam os doutores.

SILVEIRA

Lulu!

FELICIANO

Adeus, adorada Ritinha. Sempre bela e arrebatadora, como as criações antigas de Fídias e de Praxíteles.

LULU

Saibam que viemos jantar com vocês.

SILVEIRA

O quê?

RITINHA

Olha, Lulu! Fingem-se de surdos. Viemos jantar com vocês. Queremos sobretudo *Champagne*.

LULU

Apoiado. Não dispensamos *Champagne*.

SILVEIRA

Não preferem *cliau*?

FELICIANO

Está dito: manda-se vir *Champagne, Chambertin, Sothern...* Quem paga?

RITINHA

Olha, Lulu. Estão caçoando!

SILVEIRA

Nós caçamos; mas vocês fazem mais: vocês insultam-nos. Sim, porque é um insulto entrar ao meio-dia em casa de dois desgraçados que ainda não almoçaram e vir pedir jantar.

RITINHA e LULU

Ainda não almoçaram?!

LULU

Tanto melhor; almoçaremos juntos.

FELICIANO

Viva a Lulu! (*Abraça-a*)

LULU

Mas eu não os compreendo. Há pouco eu insultava-os e agora abraçam-me!

FELICIANO

Pois não pagas o almoço?

RITINHA

E que tal!

SILVEIRA

Não há em casa nem um real!

LULU (*depois de alguma pausa*)

Está dito: eu pago o almoço.

FELICIANO e SILVEIRA

Viva a Lulu!

SILVEIRA

Eu vou já ao hotel defronte. (*Vai saindo e volta*) Não, vai tu, Feliciano. A felicidade desvairou-me. Louco, ia eu mesmo procurar a boca do lobo!

FELICIANO

Por que não vais?

SILVEIRA

Tenho lá um credor.

LULU (*rindo-se*)

Cobarde!

FELICIANO

Vou já num pulo. (*Vai saindo, volta: para Lulu*) É verdade e o... (*Faz o acionado de quem pede dinheiro*)

LULU

Mande assentar na minha conta; e sobretudo que venha *Champagne* do melhor.

(*Feliciano sai*)

CENA X

Os mesmos menos Feliciano.

LULU

Senhor Silveira: o seu procedimento para comigo ultimamente tem sido inqualificável! Há duas semanas que não tenho a honra de o ver.

SILVEIRA

Menina, os credores...

RITINHA

Quanto a mim, tenho do senhor Silveira uma ofensa que jamais esquecerei. Lembra-se daquela célebre viagem a Santo Amaro, em que o senhor, entrando numa venda para comprar cigarros sem ter dinheiro, deixou-me na porta, e disse-me: — Ritinha, meu coração, espera-me dez minutos que eu já volto, e trocando algumas palavras em voz baixa com o caixeiro, desapareceu sem mais voltar? Deixar-me empenhada numa venda por meia pataca de cigarros! Desta nunca me hei de esquecer!

SILVEIRA (*rindo-se*)

Águas passadas não moem moinhos, menina. Agora que a felicidade começa a sorrir-nos, falemos de coisas alegres. O que teremos para almoço?

CENA XI

Lulu, Ritinha, Silveira e Feliciano.

FELICIANO (*com uma caixa de charutos*)

Um magnífico *roastbeef*, ovos, *Bordeaux*, *Champagne*, *Porto*, doces finos... Trouxe esta caixa de charutos por conta. São trabucos.

SILVEIRA

Viva a Lulu.

FELICIANO

Vivam. (*Cantam*)

SILVEIRA

Viva a bela Providência
Que o céu nos deparou,
Viva o anjo tutelar
Que o almoço nos pagou.

LULU

Nada têm que agradecer-me
Eu olho para o porvir,
Da vossa algibeira um dia o almoço há de sair.

CORO

Viva a bela Providência etc., etc.

(*Entra um criado com uma bandeja*)

SILVEIRA

Arreia, arreia: não há tempo a perder.

(*Feliciano e Lulu arrastam a mesa até o meio da cena: Silveira põe a bandeja em cima da mesa*)

RITINHA (*destapando os pratos*)

Não é um almoço: é um lauto jantar!

SILVEIRA (*sentando-se na canastra e comendo*)

Já não posso mais; sentem-se e façam o mesmo, nada de cerimônias.

FELICIANO

Ritinha, queres um bocado de *roastbeef*?

RITINHA

Aceito, meu anjo.

LULU

Eu começo pelo *Champagne*: é a bebida dos amores. Não há saca-rolha?

FELICIANO

Veio um. Aqui está. *Champagne* à saca-rolha!

LULU (*abrindo a garrafa*)

Viva o néctar dos deuses! (*Bebe*) Agora serve-me de qualquer coisa.

FELICIANO

Queres ervilhas?

LULU

Qualquer coisa.

RITINHA

O colega da frente perdeu a fala!

FELICIANO (*suspirando*)

Ai, ai, meninas; não há gozo perfeito nesta vida. Diante deste *roastbeef* eu vejo dissiparem-se todos os meus sonhos de felicidade. E sabes por quê? Porque à ideia de *roastbeef* associa-se uma outra: a de *inglês*!

RITINHA

E o que tem o senhor com os ingleses?

FELICIANO

Cala-te: não quero inocular o mal da experiência em teu coração de vinte e dois anos. Só o que te digo é que eles não de ser a causa da minha desgraça. Num belo dia vocês não de encontrar o meu corpo pendurado a um pé...

LULU

De malvas.

SILVEIRA (*para Feliciano*)

Por falar em malvas, passa-me o prato das ervas. (*Feliciano passa o prato*)

LULU (*levantando-se*)

Meus senhores: à saúde daqueles e daquelas a quem consagramos nossas horas de ventura há de ser com – Ups.

TODOS (*menos Silveira*)

Ups, ups, urrah, etc., etc.

FELICIANO

Eu proponho outro brinde. À saúde da nossa Providência do dia 15. À tua saúde, Lulu.

SILVEIRA

À razão da mesma.

Tonos (*Menos Silveira*) – Ups, ups, etc., etc.

RITINHA

Não tem medo de uma apoplexia fulminante, senhor Silveira?

FELICIANO

Silveira? És homem: para!

SILVEIRA

Vejo tudo azul! Creio que desta não escapo. Amanhã os jornais publicarão "Fato Extraordinário"! Morreu um estudante de indigestão. Eu serei depois de morto o alvo das atenções públicas. Mas, antes que me entoeem o — *Requiescat in pace*, eu quero fazer um brinde. Encham os cálices de *Champagne*. À morte de todos os credores.

FELICIANO

Bravo! Se é exato o princípio dos Romanos — *Mors omnia solvit* — eu seria capaz de beber... eu nem sei o que beberia para solenizar este brinde. (*Ouve-se dentro bater palmas*)

SILVEIRA

Hein?!

FELICIANO

Ingleses na Costa!

SILVEIRA

Salve-se quem puder. (*Correm todos e escondem-se na porta do lado direito*)

CENA XII

Os mesmos e Luís de Castro.

LUÍS DE CASTRO (*entra com botas de montar; traz um grande chapéu de palha e uma mala de viagem na mão*)

Dão licença Ninguém?! Olá de dentro!

FELICIANO

Um credor de botas!

SILVEIRA

É um cometa!

FELICIANO

Tu tens dívidas no Rio de Janeiro?

SILVEIRA

Não sei; parece-me que tenho verdugos até na China!

LUÍS DE CASTRO (*sentando-se aos poucos na canastra*)

Ui, ui, ui. Irra! Doze léguas! Parece-me um sonho estar aqui! Que viagem, que precipícios e que burro! Corcoveou um quarto de hora comigo na serra; afinal não pude: deixei-me escorregar pelo rabicho, e caí com a parte onde a espinha dorsal muda de nome mesmo na ponta de uma pedra! Vi estrelas! Ui, ui, ui. E tudo para quê? Para vir

ver o patife de um sobrinho que me anda esbanjando a fortuna! Ah! São Paulo, São Paulo, tu és um foco de imoralidades! Mas onde estará esse bigorrilhas? Disseram-me que ele morava aqui. (*Põe a mala no chão e tira as esporas*)

SILVEIRA

Um sobrinho?! Quem será?

LUÍS DE CASTRO

Hei de lhe mostrar para quanto sirvo, senhor Félix de Castro. Há de me pagar. (*Ferindo-se com as esporas*) Ui, ainda mais esta. Ora esta! Bebi um pouco de aguardente na viagem. Estou assim meio aéreo!

FELICIANO

É o tio do Félix: é o desalmado Luís de Castro. Ritinha e Lulu, vão batizar aquele mouro.

LULU

Fiquem vocês aqui: quando o homem estiver convertido, eu os chamarei. (*Ritinha e Lulu entram em cena*)

LUÍS DE CASTRO

Minhas senhoras... Perdão: creio que estou enganado. (*À parte*) É uma casa de família. (*Alto*) Como cheguei agora mesmo, julguei que fosse esta a casa de meu sobrinho Félix de Castro.

LULU

Esteja a gosto, pode ficar, o senhor está em sua casa.

LUÍS DE CASTRO

Bondade de vossa excelência, minha senhora.

RITINHA (*tirando um charuto da caixa e fumando*)

Não quer um charuto?

LUÍS DE CASTRO

Obrigado, minha senhora. (*À parte*) E esta!

LULU

Prefere cigarros campineiros? Não quer um cálice de *Champagne*?

LUÍS DE CASTRO (*à parte*)

Com que gente estou metido! Estou na Torre de Nesly. (*Alto*) Eu estou enganado, minhas senhoras; vou procurar o meu sobrinho. (*Vai a sair*)

LULU

Ora, não vá já, não seja mau. (*Tomam-lhe ambas a frente*)

LUÍS DE CASTRO

Deixem-me, senhoras. Eu sou um pai de família. Não me envolvo em intrigas amorosas.

RITINHA

Pois tem ânimo de nos deixar tão cedo?!

LULU

Ora, fique.

LUÍS DE CASTRO

Eu porventura as conheço? Tenho negócios com as senhoras? (*À parte*) Decididamente vou-me embora: dizem que o fogo perto da pólvora... (*Alto*) Minhas senhoras. (*Vai sair*)

LULU (*baixo*)

Não vá: se for há de se arrepender.

LUÍS DE CASTRO

O quê?

RITINHA (*baixo*)

Ingrato.

LUÍS DE CASTRO

Como? (*À parte*) Mau, que já vai me virando a bola!

LULU

Pois o senhor ousa abordar a ilha de Calipso e quer retirar-se impune?!

RITINHA (*oferecendo-lhe um cálice de Champagne*)

Não seja egoísta: beba ao menos à saúde daquela que tanto lhe adora: à minha saúde.

LUÍS DE CASTRO (*à parte*)

É um fazendão! (*Alto*) Este vinho irrita-me os nervos, minha senhora.

LULU

O senhor padece dos nervos?

LUÍS DE CASTRO (*à parte*)

A provocação já é muito direta: vou-me embora. (*Alto*) Minhas senhoras. (*Vai sair, Ritinha toma-lhe a frente com o cálice*)

RITINHA

Então não quer satisfazer o meu pedido?

LUÍS DE CASTRO (*à parte*)

Vai tudo com os diabos. (*Alto*) Bebo.

LULU (*enchendo outro cálice*)

Mais este.

LUÍS DE CASTRO

Venha. (*À parte*) Não me apanham no laço.

LULU (*baixo a Ritinha*)

Está filado.

LUÍS DE CASTRO

Às suas ordens.

LULU (*dando-lhe um charuto*)
Fume sempre um charutinho.

LUÍS DE CASTRO (*à parte*)
Esta é melhor fazenda. (*Alto*) Não fumo: eu só tomo rapé. (*Tirando uma boceta*) Não gostam?

LULU (*pondo-lhe a mão no ombro*)
E se eu lhe pedir muito?

LUÍS DE CASTRO
Desencoste-se, senhora. (*À parte*) Não há dúvida: estou na torre de Nesly. Vivam. (*Vai sair, Lulu e Ritinha ajoelham-se*)

LULU
Não vá, meu coração.

RITINHA
Ora, fique...

LUÍS DE CASTRO (*à parte*)
E preciso muita coragem. (*Alto*) Fico.

LULU (*oferecendo-lhe outro cálice*)
Então à saúde dos nossos amores.

LUÍS DE CASTRO
Vá lá: à saúde dos nossos amores. (*Bebe até o meio*)

LULU
Esta é de virar.

LUÍS DE CASTRO
Viro.

SILVEIRA (*para Feliciano*)
Isto promete um desfecho majestoso.

LUÍS DE CASTRO (*risonho*)
Mas as senhoras moram mesmo aqui... sozinhas?

RITINHA
Sozinhas.

LUÍS DE CASTRO (*à parte*)
É célebre! Estou tão leve! (*Alto*) Então com que... (*Rindo-se*) Eu vou-me embora: eu bem disse que aquele vinho fazia-me mal aos nervos.

LULU
É porque não está ainda acostumado. Beba outro cálice que há de sentir-se melhor. (*Dá-lhe outro cálice*) Tem ânimo de rejeitar?

LUÍS DE CASTRO
Quem pode resistir ao fogo desses olhos? (*Bebe*)

RITINHA
Mais outro.

LUÍS DE CASTRO
Tudo o que quiseres, meu coraçãozinho. (*Beija a mão de Ritinha. Lulu lança-lhe um olhar lânguido*) Machuca-me todo, (*ajoelhando-se*) mata-me; mas não me lances este olhar! (*Lulu dá sinal a Feliciano e a Silveira que entrem para a cena*)

SILVEIRA (*a Luís de Castro que quer levantar-se*)
Esteja a gosto. (*Tirando um charuto da caixa*) Não quer um charuto?

LUÍS DE CASTRO
Eu bem disse que estava enganado. Eu vou-me embora. (*Levanta-se cambaleando*) Mas aquele patife há de me pagar. (*Vai saindo*)

RITINHA

Não vá.

LULU
Ora, fique.

SILVEIRA
Fique.

FELICIANO
Ora, fique.

LUÍS DE CASTRO (*consigo*)
Que papel representam estes dois sujeitos aqui? Estou abismado!
Era preciso que eu viesse a São Paulo para presenciar estas cenas!

SILVEIRA
Senhor Luís de Castro.

LUÍS DE CASTRO
O senhor sabe o meu nome?! Donde me conhece o senhor?

SILVEIRA (*para Feliciano*)
Uma ideia! (*Para Luís de Castro; baixo*) Maganão feliz! Então com que
pensa que não o conheço. Não se lembra talvez daquele célebre
pagode no Rio de Janeiro.

LUÍS DE CASTRO
Eu nunca estive em pagodes, senhor.

SILVEIRA (*continuando*)
Em que havia uma célebre menina de olhos negros, cor de jambo,
cabelos encrespados... Maganão! Não tem mau gosto.

LUÍS DE CASTRO
Fale mais baixo, senhor, não me comprometa.

SILVEIRA (*à parte*)

Creio que pegam as bichas. *(Alto)* E no entretanto quer fingir-se santarrão... Diz que o *Champagne* faz-lhe mal aos nervos...

FELICIANO *(para Lulu e Ritinha)*

O que quererá o Silveira com aquele D. Juan em segunda mão?

SILVEIRA

Basta de hipocrisia. Se continuar com esse ar estudado de moralista, irei denunciá-lo ao seu sobrinho e então...

LUÍS DE CASTRO

Basta, senhor: o que quer que eu faça?

SILVEIRA

Quero que se apresente tal qual é: deixe-se de hipocrisias. *(Para Lulu e Ritinha)* Meninas, o senhor Luís de Castro é dos nossos: é velho no corpo, mas criança na alma. senhor Luís de Castro: viva a pândega!

LUÍS DE CASTRO *(gritando)*

Viva a pândega! *(À parte)* Estou desmoralizado!

SILVEIRA *(baixo a Feliciano)*

Está preparada a situação. *(Baixo a Lulu)* Enche um cálice de vinho do Porto. *(Lulu enche o cálice)* senhor Luís de Castro *(Dando o cálice)* à saúde dos velhos moços.

LUÍS DE CASTRO

Vivam! *(Bebe até o meio)*

SILVEIRA

Não senhor; esta é de virar.

RITINHA *(baixo)*

Olhe que o homem já bebeu muito *Champagne*.

SILVEIRA

Vá outra: à saúde dos seus verdadeiros amigos.

LUÍS DE CASTRO

Vá.

TODOS

Up, up, urrah, etc., etc.

CENA XIII

Os mesmos e Félix.

FÉLIX (*cantando dentro*)

La donna é mobile

Qual pouima alvento...

LUÍS DE CASTRO

Esta voz...

SILVEIRA (*para Feliciano*)

Vejamos o desfecho.

FÉLIX (*entrando*)

Um cometa! (*Luís de Castro volta-se*) Meu tio! Estou perdido! Ah!
meus pressentimentos! (*Para Luís de Castro*) Abença.

LUÍS DE CASTRO

Sô bigorrilhas!

FÉLIX (*à parte*)

Ai! Que cheiro de vinho!

LUÍS DE CASTRO (*cambaleando*)

O seu comportamento é inqualificável! O seu ofício em São Paulo
tem sido pregar calotes. (*Esbarra na canastra*)

FÉLIX

Meu tio, olhe a canastra.

LUÍS DE CASTRO

E tem o arrojo de não corar em minha presença! Quem julga o senhor que eu sou?

FÉLIX

A princípio supus que fosse um cadáver.

LUÍS DE CASTRO

Cadáver, grandíssimo patife! Estou vivo e bem vivo para te meter o chicote. (*Félix senta-se*) Levante-se.

FÉLIX (*sentado*)

Admira-me bastante que o senhor meu tio venha moralizar num lugar destes entre garrafas de *Champagne*, e exalando vapores de vinho. (*Baixo*) Quando chegar ao Rio de Janeiro, minha tia há de ser informada de tudo isso.

LUÍS DE CASTRO (*brando*)

Sim... mas tu não tens te comportado bem: Constantemente estou a receber contas tuas. Tu não sabes que eu não tenho grande fortuna?

FÉLIX

Meu tio: à primeira vista parece que eu devo muito: mas está ali o Silveira que deve mais do que eu.

LUÍS DE CASTRO

Eu não digo que deixe de se divertir... mas... (*Cambaleando*)

FÉLIX

Meu tio, não caia.

CENA XIV

Os mesmos e Teixeira.

SILVEIRA

Ainda o Teixeira caolho.

TEIXEIRA

Venho aqui...

SILVEIRA (*baixo*)

Já sei, espere. (*Baixo a Félix*) Diz a teu tio que o Teixeira é teu credor.
O homem hoje está disposto a tudo!

LUÍS DE CASTRO (*voltando-se*)

Quem é este senhor?

FÉLIX

Este senhor...

LUÍS DE CASTRO

Diga logo: é um credor.

SILVEIRA

E uma pequena dívida de 100\$000, senhor Luís de Castro.

LUÍS DE CASTRO

Tome. Trouxe o recibo? (*Recebe*) Suma-se. (*À parte*) Com os diabos,
anda-me tudo à roda!

CENA XV

Os mesmos, menos Teixeira.

SILVEIRA (*suspirando*)

Estou livre do Teixeira caolho!

LULU, RITINHA e FELICIANO

Viva o senhor Luís de Castro.

LUÍS DE CASTRO

Hoje mesmo pagarei todas as tuas dívidas; mas hás de me prestar dois juramentos: 1º — de não as contrair mais; 2 — (*baixo*) de nada revelares a tua tia do que se passou aqui.

FÉLIX

Juro.

SILVEIRA

Eu também quero impor uma condição. O senhor há de ficar aqui pelo menos dois meses.

LUÍS DE CASTRO

Fico.

SILVEIRA (*para Feliciano*)

Já não morreremos mais de fome.

LUÍS DE CASTRO

Estou desmoralizado, perdido, esbandalhado, e tudo por quê? Por causa de um sobrinho extravagante.

FELICIANO

Engana-se, senhor Luís de Castro: tudo isto é devido a — Ingleses na Costa.

LUÍS DE CASTRO

Que *ingleses*?

FÉLIX (*segurando em Luís de Castro*)

Venha para o quarto, meu tio. É uma história muito complicada; logo lha contarei.

SILVEIRA

Esperem. Eu tenho que falar com estes senhores por parte do autor. Se algum inglês se ofendeu, Com o autor não encavaque

O autor só se refere
— aos Ingleses de Balzac.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com